
O formato gazeta enquanto gênero precursor do jornalismo periódico ibero-americano¹

Eduardo COMERLATO²

Antonio HOHLFELDT³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Nos princípios do século XVII, diversas publicações periódicas começaram a surgir na Europa, havendo um formato em específico que viria a se destacar: as gazetas. Trata-se de um gênero editorial que deu início ao jornalismo de muitas localidades, incluindo as ibero-americanas. Diante disso, o artigo realizou uma revisão bibliográfica sobre o modelo “gazeta” e empregou uma análise comparativa para visualizar as tendências presentes em quatro periódicos da Península Ibérica e da América Latina, projetando, assim, uma conexão entre os primórdios da imprensa lusófona e hispânica.

PALAVRAS-CHAVE: história do jornalismo; gêneros jornalísticos; gazetas; formatos e práticas jornalísticas; comunicação social.

INTRODUÇÃO

Constituir uma história conjunta do jornalismo de diferentes países não é uma tarefa simples. Ao longo dos anos, a prática noticiosa se mostrou muito atrelada ao conceito de *nação*, adquirindo contornos próprios de acordo com a sua região de produção, sua ideia de papel social e a linguagem incorporada. Entretanto, há certos recortes que nos permitem identificar padrões conectivos em diferentes territórios, durante uma mesma temporalidade. Uma dessas possibilidades está nos conceitos de *gênero* e *formato jornalístico*: conforme a prática se desenvolveu, ela adquiriu variados modelos e estruturas diante das tecnologias e dos interesses comunitários de cada época, assumindo, assim, estratégias editoriais que viriam a se repetir significativamente.

No presente trabalho, iremos estudar um gênero através do qual se deu o início do jornalismo periódico de certos países da América Latina e da Península Ibérica: as *gazetas*. Trazendo a periodicidade para a então ocasional produção das *folhas-volantes*, no século XVII, as *gazetas* constituíram-se nas primeiras publicações que se

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Curso de Comunicação Social da PUCRS, e-mail: educomerlato@hotmail.com.

³ Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da FAMECOS-PUCRS. Pesquisador do CNPq e ex-Presidente da INTERCOM. E-mail: a_hohlfeldt@yahoo.com.br.

preocuparam em manter os cidadãos informados de maneira regular. A adesão a esse conceito é fundamental, uma vez que se liga ao ideal de *atualidade*, algo inerente ao jornalismo, desde os seus primórdios.

Para a realização da pesquisa, primeiro abordaremos o desenvolvimento jornalístico durante a Idade Moderna, detalhando, assim, o modelo *gazeta* de acordo com Tengarrinha (2013), Sousa (2011, 2012, 2018) e Espejo (2008, 2013, 2015). Isso nos permitirá conferir conceitos que motivaram as produções destes periódicos e suas estratégias editoriais, que serão investigadas em uma análise comparativa com os seguintes objetos: a *Gazeta da Restauração* (1641); a *Gaceta de Madrid* (1661); a *Gaceta de México* (1722) e a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808). Neste *corpus*, temos exemplos lusófonos e hispânicos produzidos nas metrópoles e em suas colônias, mostrando-se importantes na medida em que renovaram as práticas jornalísticas locais. Com isso, quer-se entender como o gênero das gazetas foi o precursor do jornalismo periódico em territórios ibero-americanos, evidenciando o que ele trouxe de novo para a produção noticiosa dos séculos passados.

Das impressões ocasionais aos primeiros passos periódico

Para visualizar o surgimento das gazetas na Idade Moderna, precisamos retroceder até a gênese noticiosa no continente europeu: foi no século XV, algumas décadas após a invenção da prensa de tipos móveis de Gutenberg, que surgiram as primeiras notícias impressas. Elas seriam publicadas em um gênero editorial que ficaria conhecido genericamente enquanto *folhas-volantes*, uma vez que se tratava de folhetos que circulavam de maneira avulsa e ocasional. Estimamos que os primeiros exemplares tenham surgido na Itália, a partir de 1470, mas não tardou muito para que o fenômeno se espalhasse pelos mais diferentes terrenos do Velho Mundo.

Na Península Ibérica, temos alguns notáveis casos espanhóis a partir de 1490, como a impressão da carta do descobrimento de Cristóvão Colombo (COMERLATO, 2021) e o gênero não periódico das *relaciones de sucesos* (ESPEJO, 2013), que viria a tomar conta do mercado das notícias nos séculos XVI e XVII. Enquanto isso, em Portugal, os primeiros exemplares das folhas-volantes passariam a circular a partir de 1550, com destaque para os relatos de naufrágios, que encantavam o crescente público, com suas narrativas detalhadas e dramáticas (LANCIANI, 1990).

Havia, no entanto, dois fatores que afastavam essa produção de notícias avulsas dos conceitos atuais do jornalismo impresso: a ausência de periodicidade e a limitação monotemática das publicações. Por mais que elas circulassem com intuitos informativos, isso era feito de maneira esporádica e com baixa abrangência de assunto, deixando lacunas nos interesses socioculturais das comunidades. No entanto, essas lacunas receberiam tentativas de preenchimento logo em seguida, com formatos que passariam, então, a compilar múltiplas notícias em uma só impressão. Na Espanha dos séculos XVI e XVII, cria-se o hábito de publicação dos *avisos* impressos, que eram, grosso modo, compilações de notícias curtas proveniente de diversas áreas geográficas. Ao contrário das *relaciones de sucesos*, extensos fios narrativos e interpretativos, eles eram relatos puros e curtos, o que permitia, assim, juntar acontecimentos múltiplos em uma só publicação. Como exemplo, temos a *Relación de avisos de todo lo que ha sucedido en Roma, Napoles, Venecia, Genova, Sicilia, Francia, Alemania, Inglaterra, y Malta*, folheto avulso e não periódico impresso em Sevilha, em 1618, que trata de narrar os principais ocorridos em tais cidades, durante os primeiros meses daquele ano.

Já em Portugal, acredita-se que o surgimento das publicações pluritemáticas tenha começado no século XVII, sendo o caso mais célebre o da *Relação universal do que sucedeu em Portugal & mais províncias do Ocidente e Oriente, desde o mês de março de 625 até todo setembro de 626. Contém muitas particularidades & curiosidades*. Produzido pelo erudito Manuel Severim de Faria, este folheto avulso foi impresso em Lisboa, em formato de *quarto*⁴, no ano de 1626, circulando entre a comunidade portuguesa para narrar diversos acontecimentos ocorridos no país e no estrangeiro durante aquele ano. Notamos que ele foi concebido como uma espécie de anuário noticioso (SOUSA; LIMA, 2012, p. 98), recebendo, posteriormente, uma nova edição que viria a tratar dos ocorridos entre março de 1626 e agosto de 1627. Mesmo que as *Relações* não tenham recebido continuidade, podemos discutir as contribuições dessa obra a partir de dois enquadramentos: sua capacidade de selecionar e juntar notícias em uma só coletânea, e a ideia de produção em uma frequência regular, que provavelmente era inspirada em outros almanaques e folhetos de entretenimento que circulavam anualmente na Europa, durante o período, com calendários, horóscopos, curiosidades e afins.

⁴ Também chamado de *in-quarto*, o formato tinha dimensões de 13,5 x 19 cm (SOUSA; LIMA, 2012).

As primeiras impressões, de fato, jornalísticas e periódicas, também surgiram naquela época, apresentando uma frequência de publicação que aumentaria gradualmente. Sousa (2011, p. 46-47) considera as seguintes impressões como as precursoras da periodicidade: em termos semestrais, as *Massrelationen (Relações de massa)*, vendidas por Michael von Aitzinger em feiras de Frankfurt, na Alemanha, entre 1587 e 1598. Enquanto isso, a periodicidade mensal seria alcançada pela primeira vez com a *Rorschacher Monatsschrift (Publicação mensal de Rorschach)*. Parecendo-se com uma revista, a publicação era comercializada mensalmente na região de Rorschach, na Suíça, com a produção de Samuel Dilbaum e Bernhard Straub, originários de Augsburg. Já as primeiras impressões semanais começaram em 1605, com a *Relation aller Fürnemmen und gedenckwürdigen Historien (Relação de todos os feitos ilustres e histórias memoráveis)*, de Johann Carolus, em Estrasburgo (WEIL, 1962, p. 13); e com a *Nieuwe Tidinghen (Novidades Recentes)*, publicada em francês e flamengo, nos Países Baixos, por Abraham Verhoeve, estabelecendo um modelo que viria a inspirar outros jornais, internacionalmente (SOUSA, 2011, p. 48)⁵.

Estes são exemplos mais concretos de jornalismo periódico que, embora não carregassem o termo *gazeta* em seu título, viriam a se encaixar nas características do gênero, especialmente quando tratamos das publicações mensais e semanais, que se popularizariam no período. Para Tengarrinha (2013, p. 47-48), a explicação para o surgimento da imprensa periódica poderia ser encontrada em um conjunto de cinco grandes fatores:

A necessidade de uma transmissão mais fluida e regular da informação, como resultado das novas dinâmicas econômicas e culturais das sociedades; o crescente interesse do público pela *notícia* que lhe permitisse um conhecimento mais seguro da realidade nacional e satisfazer a geral curiosidade crescente pelos acontecimentos internacionais (...); o progresso da tipografia (...), dando condições para uma produção mais rápida e em maior quantidade; a melhoria das comunicações, permitindo, ao mesmo tempo, uma transmissão mais célere das notícias e uma maior rapidez no envio das publicações; e o aumento da concentração urbana (TENGARRINHA, 2013, p. 47-48).

Sendo assim, os próximos parágrafos serão destinados a investigar o surgimento do termo *gazeta* e o estabelecimento de seu formato, ao longo dos anos. Isso, por sua

⁵ Apesar de não haver registros de gazetas publicadas diariamente, consideramos que os primeiros jornais diários provavelmente surgiram na Alemanha, com *Einkommenden Zeitungen* (1650) e *Neu-einlauffende Nachricht von Kriegs- und Welt-Händeln* (1660), ambos de Leipzig (SOUSA, 2011, p.49)

vez, nos permitirá discutir sobre os exemplares do gênero editorial que marcou época no jornalismo dos países ibero-americanos.

A origem do termo gazeta e a consolidação do modelo

Veneza foi um dos centros mais influentes da Europa durante a transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, tendo uma posição estratégica e comercial bastante privilegiada. Com a publicação das *folhas-volantes* e dos *avisos*, a cidade ficou caracterizada por estabelecer um dos primeiros *mercado das novidades* no final do século XV, com notícias que eram vendidas em ruas movimentadas, feiras e oficinas tipográficas. Para esse comércio, havia uma moeda de cobre, conhecida como *gazza* ou *gazzetta* (DIAS, 2006, p. 28), usada para duas atividades: a de comprar as notícias, permitindo o consumo individual a partir da aquisição do folheto avulso, e a de representar uma “quantia paga para se ouvirem as notícias em actos de leitura pública dos jornais e folhas ocasionais” (SOUSA, 2007, p. 51). Com o passar dos anos, isso fez com que o termo deixasse de ser exclusivo do preço, passando, então, a se relacionar com as práticas noticiosas da época. Ou seja, a designação ficaria atrelada às impressões e aos escritores e vendedores, que então se tornariam conhecidos enquanto os *gazeteiros* (SOUSA, 2018, p. 8).

É importante ressaltar, porém, que a designação *gazeta* ainda tinha uma ampla abrangência naquele período da Idade Moderna. Isso ocorria na medida em que ela também era muito usada no título de folhetos ocasionais, fazendo com que houvesse publicações com “a designação de *gazeta* que em rigor não o são (...) e outras que, sem esse título, o são efetivamente” (TENGARRINHA, 2013, p. 56-57). Não havia, portanto, a definição de um gênero periódico específico até os primeiros anos de 1600, apenas um termo que se referia à então emergente prática jornalística.

Seria apenas no século XVI que a alcunha *gazeta* começaria a designar um modelo mais específico de jornalismo periódico, com compilações de notícias que apresentavam diferentes assuntos e que empregavam o termo em sua primeira página, indicando o surgimento de uma certa organização. Nesse sentido, não há um marco temporal definitivo, mas Weill (1962) reconhece que o termo só veio a adquirir seu sentido verdadeiro a partir de 1631, com *La Gazette* (ou *Gazette de France*), de Theophraste Renaudot, figura muitas vezes considerada como o primeiro jornalista da

França. Este era um periódico publicado semanalmente, às sextas-feiras, sob os auspícios do cardeal Richelieu ao longo do reinado de Luís XIII. Em sua estrutura, “tinha, normalmente, quatro páginas, de 23 x 15 cm, e difundia, essencialmente, notícias da corte, de Paris, das províncias francesas e do estrangeiro” (SOUSA, 2008, p. 82). Tornar-se-ia o veículo mais conhecido da Europa, ainda na década de 1630, revolucionando o jornalismo da época, ao projetar o modelo noticioso francês, que estabeleceria o padrão de muitas gazetas:

Está provada a circulação do termo [gazeta] na comunicação oral italiana ao longo de todo o século XVI, com a significação precisa de *compilação de notícias*; não obstante, seu êxito internacional se deve a que, inesperadamente, essa palavra de origem italiana, que devia causar estranhamento em muitos ouvidos franceses, foi o termo que empregou em 1631 Renaudot, jornalista oficial de Luís XIII, para dar título ao seu periódico, primeiro com tal nome no sentido moderno da história, em uma publicação que foi tão bem sucedida que criou uma verdadeira enxurrada de *gazetas* em toda a Europa (ESPEJO, 2013, p. 73, tradução nossa⁶).

Por trás do formato de *La Gazette*, havia grandes influências da *Nieuwe Tijdinghen*, que viria a ajudar a firmar o modelo discutido por Tengarrinha (2013, p. 56). De acordo com o historiador português, há um conjunto de cinco características manifestas na popularização das gazetas do século XVII, a começar pela (1) *periodicidade*, que geralmente era mensal ou semanal. Este fator seria muitas vezes condicionado pela frequência dos serviços dos correios de cada região, pois isso afetava na distribuição de cartas informativas e de outros folhetos noticiosos.

Da mesma forma, outra característica das gazetas era (2) sua *noção de informação*, já que costumava abordar, em uma mesma impressão, assuntos genéricos, “tanto nacional como internacional, tocando matérias de carácter militar, político, social, cultural, econômico” (TENGARRINHA, 2013, p. 57). Cabe dizer que o autor esmiúça a categoria para tratar do rigor da informação, dizendo que o modelo “não tinha normalmente como primeira preocupação transmitir os factos com exatidão, mas os primeiros relatos, instantâneos, e os boatos que corriam sobre eles” (TENGARRINHA,

⁶ “Está probada la circulación del término [gazzetta] en la comunicación oral italiana a lo largo de todo el siglo xvi, con la significación precisa de “recopilación de noticias”; no obstante, su éxito internacional se debe a que, inopinadamente, esta palabra de origen italiano que debía resultar extraña a muchos oídos franceses, fue el término que empleó en 1631 Renaudot, periodista oficial de Luis XIII, para dar título a su periódico, primera “cabecera” en sentido moderno de la historia y publicación de tanto éxito como para crear un verdadero aluvión de «gacetas» de tal nombre por toda Europa” (ESPEJO, 2013, p. 73).

2013, p. 57). Desse modo, o gênero noticioso multitemático, com seus textos resumidos e breves, distinguia-se dos discursos das folhas-volantes, que costumavam tratar apenas de um assunto, mas com muitos detalhes por impressão. Não obstante, há uma certa noção de que as notícias ocasionais e os primeiros veículos periódicos se complementavam dentro do mercado de notícias do século XVII, inclusive com menções, paráfrases e compartilhamento de fontes de um para o outro. Era comum, por exemplo, as gazetas espanholas replicarem textos de determinadas *relaciones de sucesos*, fazendo com que estas fossem convertidas em um gênero jornalístico singular, como entende Espejo (2013, p. 75). Nesse sentido, se realizarmos uma comparação com o presente, podemos dizer que o gênero editorial das gazetas era composto, na maioria das vezes, por informações formatadas de acordo com o atual gênero textual das notícias, sendo relatos puros sobre os ocorridos. As *relaciones*, por sua vez, assemelhavam-se às reportagens jornalísticas dos dias de hoje, uma vez que se apresentavam enquanto narrativas aprofundadas sobre certos acontecimentos.

Seguindo o modelo proposto por Tengarrinha (2013), o terceiro traço característico das gazetas era a sua condição de produção em face ao poder político de seus respectivos países; ou seja, a sua (3) *independência* enquanto instância de produção. Isso será relevante na medida em que as oficinas tipográficas e, conseqüentemente, as impressões costumavam passar por regulamentações por parte dos governos durante a Idade Moderna. Desse modo, havia padrões que variavam entre “as gazetas que contradiziam ou ao menos não apoiavam a versão oficial dos acontecimentos às que estavam subordinadas ao poder régio, de que dependiam para obter o privilégio da impressão e licença para circular” (TENGARRINHA, 2013, p. 58). A popular *La Gazette*, por exemplo, estava vinculada à política da monarquia de Luís XIII, algo que seria replicado em outros países que seguiam o modelo francês.

Para Tengarrinha (2013, p. 59), outra característica importante para o formato está na (4) *redação*, esclarecendo que os periódicos eram influenciados pelas seguintes figuras: a do impressor, que recebia o privilégio da venda e se apresentava praticamente como o proprietário da empresa; e a do redator. Este, por sua vez, se baseava na disposição de uma rede de correspondentes e de informadores, buscando acesso a outros folhetos informativos para a produção de seus próprios textos. Em contrapartida, tinha de seguir os prazos da periodicidade, o que já revelava características de urgência para a

então nascente profissão dos gazeteiros. Cabe dizer, porém, que muitos dos veículos da época apresentavam notícias despersonalizadas, sem identificar os autores discursivos.

Por fim, o gênero também ficaria reconhecido de acordo com (5) a *prática de leitura*, que costumava ocorrer de três maneiras distintas: a primeira se dava logo após a impressão dos exemplares, que podiam ser comprados para um consumo individual. Enquanto isso, outra recepção popular, na época, acontecia de forma pública, ocorrendo em praças e locais movimentados, onde as gazetas podiam ser compartilhadas, passando de mão em mão, ou lidas em voz alta por alguém que exigia um pagamento. Era, portanto, uma leitura compartilhada, como entende Chartier (1994). Já o terceiro tipo de leitor que iria consumir os primeiros periódicos era aquele que os recebiam através dos correios, cerca de uma a duas semanas após a publicação. Ou seja, praticamente a figura dos assinantes, que viria a se popularizar posteriormente.

Com este esclarecimento, realizaremos, a partir de agora, uma análise comparativa, que tentará encontrar padrões em um *corpus* de quatro gazetas de países ibero-americanos. Buscaremos, assim, entender como o modelo francês se popularizou nos primeiros capítulos da história do jornalismo periódico destas regiões.

Uma análise comparativa das gazetas ibero-americanas

Nos estudos sobre as origens do jornalismo ocidental, há divergências sobre qual teria sido a primeira gazeta a surgir na Península Ibérica, principalmente quando se trata de localidades espanholas. Em um de seus estudos, a pesquisadora Carmen Espejo (2015) sinaliza que, entre 1618 e 1620, circulou, na cidade de Valência, *La Gaceta de Roma*, uma publicação que reunia diversos acontecimentos internacionais. Entretanto, o impresso teve uma periodicidade irregular, o que é demonstrado pelo fato de que, no ano de 1619, por exemplo, ele foi publicado, com esse mesmo título, apenas nos meses de janeiro, março e setembro. Assim, fala-se de uma publicação seriada, ou seja, com números que se sucediam, e semiperiódica, bastante similar ao gênero dos *avisos*, mas que ainda não era, de fato, uma empreitada de frequência regular. Da mesma forma, também se sabe que houve uma produção de gazetas na região de Barcelona, durante a década de 1640, com o exemplo notável de *La Gazeta* de Jaume Romeu, que circulou com frequência semanal em 1641 (ESPEJO, 2013, p. 82). Havia, no entanto,

empecilhos para se considerar esta produção enquanto primeira para a nação espanhola. Entre eles, poderíamos citar o fato de que se tem poucos exemplares conservados, sendo muitos deles apenas traduções de *La Gazette*, de Renaudot, que faziam uso da língua catalã ao invés da espanhola (CRUZ SEOANE; SAIZ, 2007, p. 25-26). Para além da ausência do idioma, também é preciso lembrar que as impressões foram realizadas em um período em que a região estava sofrendo com uma disputa territorial entre a França e a Espanha, sendo difícil, pois, medir a identificação local com a Coroa de Castela, na época, uma vez que a Catalunha viria a se desenvolver de maneira singular. Diante disso, passaremos a considerar estes exemplares enquanto *tentativas* de se criar um periódico, as quais contribuíram efetivamente para o desenvolvimento jornalístico das regiões. No entanto, em nosso recorte, tomaremos a *Gazeta da Restauração* (1641) e *La Gaceta de Madrid* (1661) enquanto os primeiros periódicos de Portugal e Espanha, respectivamente.

Do lado português, considera-se, praticamente de forma unânime (GOMES DIAS, 2006; SOUSA, 2011; TENGARRINHA, 2013), que o advento da periodicidade começou em dezembro de 1641, com a circulação da seguinte publicação: a *Gazeta em que se relatam as novas todas que houve nesta Corte e que vieram de várias partes no mês de novembro de 1641*. Com o tempo, ela viria a ganhar a designação de *Gazeta da Restauração*, pois circulou no contexto da Guerra da Restauração⁷. Este periódico era impresso no formato *in-quarto*, oscilando entre 8 e 16 páginas, sendo a primeira delas ocupada por um frontispício com o brasão da Coroa Portuguesa e a sua devida licença, adquirida pelo proprietário Manuel de Galhegos.

Com uma frequência mensal, o periódico informava, com textos claros e concisos, sobre diversos assuntos, entre eles política, diplomacia, acontecimentos internacionais, eventos sociais, economia, cataclismas e crimes (SOUSA, 2018, p. 58). Entretanto, havia uma temática específica que prevalecia: a dos conflitos bélicos. Isso ocorreu pois, no cenário da Guerra da Restauração, a publicação trazia uma causa nacional portuguesa que visava a “contrariar o efeito negativo dos boatos postos a circular pelos espanhóis sobre os seus êxitos nos confrontos armados”

⁷ A Guerra da Restauração (1640-1668) foi um conjunto de conflitos travados entre o Reino de Portugal e a Coroa de Castela, da Espanha. Começou em 1640, com um golpe que buscava acabar com a união dinástica do Império dos Filipes, que havia mantido as duas coroas unidas por 60 anos. Foi apenas em 1668 que a restauração da independência de Portugal foi reconhecida pelos espanhóis.

(TENGARRINHA, 2013, p. 49). Assim, nota-se um interesse em criar uma opinião pública que auxiliasse na restauração da independência da Corte portuguesa.

Tengarrinha (2013, p. 51) entende que a maior proeza da publicação foi a de “ter tornado periódica uma informação que até aí fora irregular, ao sabor da gravidade dos acontecimentos ou da vontade dos impressores”. Assim, o impresso passava a ser esperado em certas datas, criando hábitos característicos da imprensa periódica — muito embora a publicação também sofresse diante de irregularidades, com meses em que saíam duas edições e outros em que um único número cobria dois meses (março-abril de 1644, por exemplo). De forma curiosa, a *Gazeta* teve sua circulação interrompida em julho de 1642, com o surgimento de um decreto que “proibia as gazetas gerais, com notícias do Reino ou de fora, em razão da pouca verdade de muitas e do mau estilo de todas elas” (TENGARRINHA, 2013, p. 53). Foi apenas em outubro que ela pode voltar a circular, mas mediante uma condição: ela só poderia abordar fatos sobre o estrangeiro. Assim, de outubro de 1642 até setembro de 1647, data de sua última edição, o veículo apresentaria um cabeçalho com a adição da restritiva designação “De Novas Fora do Reino”.

Hoje, podemos notar que a *Gazeta da Restauração* teve um papel importante na história de Portugal, por dois motivos: ajudou a criar um bloco de opinião que contribuiria à independência do país, ao mesmo tempo em que colaborou na instauração da informação periódica em terras lusitanas, que, nos anos seguintes receberiam outros dois veículos importantes: o *Mercúrio Português* (1663) e a *Gazeta de Lisboa* (1715).

Do outro lado da península, há autores (CIMORRA, 1946; CRUZ SEOANE; SAIZ, 2007) que consideram ter sido o periódico espanhol precursor publicado pela primeira vez, em janeiro de 1661, com o nome de *Relación o gaceta de algunos casos particulares, así políticos*. Por si só, o título já reflete a confusão terminológica presente no período, graças aos gêneros coexistentes das *relaciones de sucesos* e das *gacetas*. Apesar do nome híbrido, o veículo era essencialmente uma gazeta, apresentando um *design* de formato in-quarto, periodicidade mensal, oito páginas e textos distribuídos em uma coluna, recebendo o nome de *Gaceta Nueva* a partir da terceira edição. De acordo com Núñez de Prado (2002), o periódico foi concebido por Fabro Bemundán e era impresso na oficina de Juan de Paredes, em Madrid. Logo em sua edição inicial, os editores procuraram esclarecer os motivos que os fizeram criar o veículo:

Considerando que nas cidades populosas de Flandres, França e Alemanha, se imprime em cada semana (além das *relaciones de sucesos* particulares) outras com títulos de Gazetas, em que se dá notícia das coisas mais notáveis, tanto políticas quanto militares, que aconteceram na maior parte do mundo, essa será a razão que introduziremos esse gênero de impressões, já que não toda semana, pelo menos a cada mês; para que os curiosos tenham conhecimento de tais ocorridos e para que os espanhóis não fiquem sem saber das notícias que existem em grande quantidade nas nações estrangeiras (NUÑEZ DE PRADO, 2002, p. 150, tradução nossa⁸)

Com textos breves que apresentavam um estilo característico do gênero periódico, a *Gazeta Nueva* publicava notícias de cunho nacional, estrangeiro, político e, principalmente, militar, sendo muito influenciada pelo patrocínio do filho extraconjugal do Rei Felipe IV, Juan José de Austria, governador das províncias de Flandres e que, assim, descobriu a importância das gazetas como meios de informação e de propaganda política, como entende Fernandez Mera (2020, p. 107). Apesar da influência, o veículo era encarado como uma empresa privada não oficial, permanecendo assim até dezembro de 1662, quando teve a sua produção interrompida. A publicação seria retomada em 1677, pelos mesmos protagonistas, que trataram de dar uma cara nova ao veículo. Isso ocorreu na medida em que Juan José de Austria foi nomeado primeiro ministro do Rei Carlos II e decidiu voltar a trabalhar com Fabro Bremundán, agora intitulado “gazeteiro maior do Reino” e dono de uma licença que lhe permitiria imprimir o periódico idealizado na década anterior (FERNANDEZ MERA, 2020, p. 108).

Agora com um viés governamental e circulação semanal, a *Gaceta ordinaria de Madrid* surgiu em 4 de julho de 1677, na imprensa de Bernardo Villa-Diego. Assim como a sua antepassada, ela possuía atributos bem característicos dos veículos oficiais do século XVII, sendo uma imitação do modelo francês, o que seria uma constante na imprensa espanhola nos próximos anos, de acordo com Cruz Seoane e Saiz (2007, p. 27-28). A partir de então, mesmo passando por mudanças estruturais e interrupções temporárias, algo ficaria consolidado: o seu caráter de veículo oficial do governo, ganhando inclusive impressões em outras províncias, como Valencia, Zaragoza e

⁸ Supuesto que en las más populosas ciudades de Flandes, Francia y Alemania, se imprimen cada semana (además de las Relaciones de sucesos particulares) otras con títulos de Gacetas, en que se da noticia de las cosas más notables, así políticas como militares, que han sucedido en la mayor parte del Orbe, será razón que se introduzca este género de impresiones, ya que no cada semana, por lo menos cada mes; para que los curiosos tengan aviso de dichos sucesos y no carezcan los españoles de noticias que abundan en las extranjerías naciones (NUÑEZ DE PRADO, 2002, p. 150).

Sevilha (ESPEJO, 2013, p. 83). Em 2 de abril de 1697, passou a se chamar *Gaceta de Madrid*, para, em 2 de outubro de 1936, virar definitivamente o *Boletín Oficial del Estado*, sendo publicado pelo governo até os dias de hoje de maneira digital.

Este é um recorte que nos permite visualizar como era complexo o processo da prática jornalística no passado, com períodos de publicações irregulares que evidenciavam as dificuldades técnicas de produção. De certa forma, isso também poderia ser percebido do outro lado do Oceano Atlântico, com o que é considerado o primeiro veículo periódico da América Latina, a *Gaceta de México* (1722). Tudo começou em 1539, quando, no território da Nova Espanha, atual México, foi instalada a primeira prensa de tipos móveis do continente americano (GODOY, 2016, p. 27). A partir de então, levou dois anos para as primeiras notícias circularem no Novo Mundo, sendo o exemplo primevo uma *relación de sucesos* que narrava um terremoto ocorrido na Guatemala.

Embora o território viesse a receber uma grande quantidade de folhas-volantes e até mesmo reimpressões da *Gaceta de Madrid* (ESPEJO, 2013, p. 83), foi apenas em janeiro de 1722 que surgiu o primeiro periódico latino-americano: a *Gaceta de México y noticias de Nueva España*, criado por Juan Ignacio Castorena, que ficaria conhecido enquanto primeiro jornalista do continente (HOHLFELDT, 2020c, p. 6). A publicação tinha frequência mensal e oscilava entre 4 a 8 páginas, agrupando informações de diferente procedência, com preferência àquelas oriundas do México, que apareciam antes das internacionais. Com o costume de indicar a data exata dos acontecimentos, destinava-se a narrar assuntos eclesiásticos, administrativos, comerciais e sociais, como eventos e festas (BENITEZ, 2000, p. 44).

Em sua fase inicial, o periódico alcançaria apenas seis edições, publicadas entre janeiro e junho daquele ano. No entanto, em 1728, uma segunda *Gaceta de México* passou a circular na Nova Espanha, dessa vez sob o comando do também sacerdote Juan Francisco Sahagún. Com as mesmas características de sua antepassada, mas agora com a novidade de incluir matérias científicas, colunas de meteorologia e poemas, a nova publicação circularia até 1739 e somaria 1245 edições (GODOY, 2016, p. 28), sendo impressa ocasionalmente em outras províncias mexicanas e até mesmo em outros vice-reinos da Espanha, como Lima. Com o seu fim, a região receberia outros veículos relevantes, como o *Mercúrio de México* (1742) e outra *Gazeta de México* (1784). Esta,

por sua vez, era oficialista e participaria, com efeito, da revolução independentista da colônia (GODOY, 2016, p. 29).

Após a chegada de seu primeiro periódico, a América Latina viria a receber uma onda do gênero *gazeta* nos mais diferentes vice-reinos: *Gaceta de Guatemala* (1729), *Gaceta de Lima* (1743), *Gaceta de la Habana* (1764) e *Gaceta de Bogotá* (1785). Em cada um desses territórios, portanto, o jornalismo veio a se desenvolver sob a batuta do formato, algo que também viria a acontecer no Brasil, mas apenas com a chegada da Família Real na colônia, dado que era proibida a produção e circulação de impressos até os primeiros anos do século XIX. Foi em 10 de setembro de 1808, praticamente quatro meses depois da criação da Imprensa Régia, que a *Gazeta do Rio de Janeiro* circulou pela primeira vez. Este periódico, que era “em tudo semelhante às gazetas portuguesas, notadamente à *Gazeta de Lisboa*” (BARBOSA, 2010, p. 27), visava publicar fatos e informações de interesse da Coroa Portuguesa, tendo, portanto, um caráter oficial. Com um formato in-quarto, era impresso em uma coluna e tinha uma extensão padrão de 4 páginas, circulando em frequência bissemanal, nos sábados e nas quartas-feiras.

Em suas notícias, a *Gazeta* falava sobre conflitos internacionais, acontecimentos do cotidiano, chegadas de navios ao Brasil, cerimônias religiosas e temas políticos, como os frequentes pronunciamentos e nomeações de Napoleão Bonaparte. Abastecia-se principalmente de informações provenientes de cartas, gazetas e folhas-volantes estrangeiras, além de boatos recolhidos nos portos e cidades do país. Com um estilo jornalístico de brevidade, muito comum no formato, tinha o costume de separar suas notícias de acordo com a localização e a data de ocorrência. Assim, a *Gazeta* é tida como precursora, pois inaugurou o mercado local das informações:

(...) Olhando detidamente o periódico, saltam de suas páginas múltiplas fontes de informação, formando redes de notícias do início do século XIX, indicando também a forma como essas notícias passam do mundo oral para o mundo do impresso (...). A sociedade desenvolve múltiplas formas de se comunicar e, a partir daí, de buscar e reunir informações. Há, portanto, um sistema de comunicação na cidade do Rio de Janeiro que possibilita a impressão das notícias na *Gazeta* (BARBOSA, 2010, p. 27-28).

Eis que a *Gazeta do Rio de Janeiro*, ao lado da também tardia *Gazeta de Buenos-Ayres* (1810), evidencia que, até mesmo no século XIX, o modelo de jornalismo latino-americano será o das gazetas. Afinal, como entende Benítez (2000), o *periodismo* do Novo Mundo era inicialmente uma prolongação do europeu, principalmente do que

era encontrado na Península Ibérica e na França. Nesse sentido, uma história conjunta da imprensa ibero-americana se mostra possível graças ao conceito de gênero editorial, que desde os primórdios viria a influenciar na prática do jornalismo moderno.

Considerações finais e projeções temporais

Foi a partir do modelo das gazetas periódicas que os territórios ibero-americanos começaram a experimentar uma prática informativa mais próxima da que conhecemos hoje. Apresentando formas narrativas que são as antepassadas do gênero textual das notícias, o modelo editorial criou novas relações entre as práticas e os formatos noticiosos. Estes aspectos, por sua vez, possibilitam-nos observar como o jornalismo costuma viver em constante dinâmica desde seus primórdios, sempre buscando cumprir o seu papel de contar o mundo e de abastecer a eterna curiosidade humana.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BENÍTEZ, José Antônio. **Los orígenes del periodismo en nuestra América**. Buenos Aires: Lumen, 2000.
- CHARTIER, Roger. **Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna**. Madrid: Alianza, 1994.
- CIMORRA, Clemente. **Historia del periodismo**. Buenos Aires: Atlántida, 1946.
- COMERLATO, Eduardo. Entre descobertas e naufrágios: As contribuições das Grandes Navegações para o desenvolvimento do jornalismo ibérico. In: **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, INTERCOM, 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-hj/eduardo-comerlato.pdf>.
- CRUZ SEOANE, María; SAIZ, María Dolores. **Cuatro siglos de periodismo en España**: De los avisos a los periódicos digitales. Madrid: Alianza, 2007.
- DIAS, Eurico Gomes. **Gazetas da Restauração**: Uma revisão das estratégias diplomático-militares portuguesas. Lisboa: Coleção Biblioteca Diplomática do MNE, 2006.
- ESPEJO, Carmen (orgs.). **Relaciones de sucesos en la Biblioteca de la Universidad de Sevilla**. Sevilla: Biblioteca de la Universidad de Sevilla, 2008.
- ESPEJO, Carmen. Gacetas y relaciones de sucesos en la segunda mitad del XVII: Una comparativa europea. In: Cátedra García, P. M.; Díaz Tena, M. E. **Géneros editoriales y relaciones de sucesos en la Edad Moderna**. Salamanca: SEMYR, 2013, p. 71-88.

ESPEJO, Carmen; BAENA, Francisco. Los orígenes del periodismo en España: Una revisión metodológica. In: GARCÍA LÓPEZ, J.; BOADAS CABARROCA, S. (Coord.). **Las relaciones de sucesos en los cambios políticos y sociales de la Europa Moderna**. Bellaterra: Universidad Autónoma de Barcelona, 2015, p. 29-40.

GODOY, Antonio Checa. **La prensa en español y portugués en América**: Los orígenes, la independencia y las repúblicas liberales (1722-1903). Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2016.

HOHLFELDT, Antonio. O jornalismo português e espanhol em suas colônias: História comparada e metodologia de análise. In BAPTISTA, C.; SOUSA, J. P. (Orgs.). **Para uma história do jornalismo em Portugal**. Lisboa: ICNOVA, 2020a.

HOHLFELDT, Antonio. A centenária *Gazeta da Guatemala*: Paralelismos com o pioneiro jornalismo brasileiro. In: **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020b. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0622-1.pdf>

HOHLFELDT, Antonio. Conectando a história de nossos jornais. In: **XV Congresso ALAIC 2020 VIRTUAL**, 2020c.

LANCIANI, Giulia. Uma história trágico-marítima. IN: CHANDEIGNE, M (org.). **Lisboa ultramarina, 1415-1580: A invenção do mundo pelos navegadores portugueses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MERA, María Victoria Fernández. El recorrido histórico de la *Gaceta de Madrid*. **Documenta & Instrumenta**, v. 18, 2020.

NÚÑEZ DE PRADO, Sara. De la *Gaceta de Madrid* al *Boletín Oficial del Estado*. **Historia y Comunicación Social**, n. 7, 2002, p. 147 - 160.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no ocidente. Em: **Jornalismo, história, teoria e metodologia**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **A Gazeta da Restauração**: Primeiro Periódico Português - Uma análise do discurso. Covilhã: Livros LabCom/Universidade da Beira Interior, 2011.

SOUSA, Jorge Pedro; LIMA, Maria Érica de Oliveira. Periódicos portugueses do século XVII: Forma e conteúdo. In: **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 1, n. 2, 2012, p. 95-103.

SOUSA, Jorge Pedro. *Gazeta da Restauração* (1641-1642) – A introdução do periodismo noticioso em Portugal. In: SOUSA, J. P. (Org.). **Notícias em Portugal – Estudos sobre a imprensa informativa** (séculos XVI-XX). Lisboa: ICNOVA, 2018.

TENGARRINHA, José. **Nova história da imprensa portuguesa**: Das origens a 1865. Lisboa: Temas e Debates, 2013.

WEILL, George. **El periódico**: Orígenes, evolución y función de la prensa periódica. México: Uteha, 1962.